

# Pefelista procura até seus desafetos

CARMEN KOZAK E  
VILMA SILVEIRA

BRASÍLIA – Em 1996, o senador Antonio Carlos Magalhães se atracou em plenário com o senador Ney Suassuna (PMDB-PB), acertando-lhe um soco no rosto. Passados cinco anos, o antigo agressor procurou Suassuna, integrante do Conselho de Ética do Senado. Com as mãos trêmulas e a voz embargada, ACM pediu apoio. Queria o voto de Suassuna para rejeitar o parecer do senador Saturnino Braga, que sugere a cassação do líder baiano por quebra de decoro parlamentar. “Estou sendo vítima de uma injustiça, de um linchamento”, disse ACM. Embora a hipótese da renúncia esteja há três dias na lista de opções do senador, Antonio Carlos Magalhães não cogita abertamente da possibilidade com os colegas de Senado.

“ACM assumiu a culpa, mas ponderou que não justificava o pedido de cassação. Disse-me que aceitava uma punição, mas não a pena máxima”, afirmou o senador Ney Suassuna. Para ele, a troca de soco com o senador baiano foi superada. “Nada do passado vai interferir no meu voto”, diz Suassuna.

A mesma cena repetiu-se com pelo menos outros dois senadores, um deles Renan Calheiros. ACM está procurando um a um os integrantes do Conselho de Ética para argumentar contra a cassação. Para não ter que renunciar na semana que vem, aceita ser suspenso pelo prazo que for determinado pelos senadores. E, para isso, é preciso que o Conselho rejeite o parecer de Saturnino e aprove o voto em separado que está sendo preparado por seus advogados. Este voto será apresentado no Conselho pelos senadores Waldeck Ornellas e Paulo Souto. Terá apoio incondicional dos cinco senadores do PFL, que seguem recomendação da direção nacional do partido. Mas é só isso até agora.

Sentindo-se acuado e com pouca margem para alcançar o apoio da maioria dos 16 integrantes do Conselho; há dois dias ACM não tem conseguido conter o choro. Foi assim, ontem de manhã, no desabafo com um senador de oposição, com quem tem um excelente relaciona-

mento pessoal. “A imprensa está manipulando a opinião pública, acuando os senadores, exigindo deles um prejulgamento”, disse, inconformado. Antonio Carlos Magalhães insiste em que é vítima de seu tamanho político. “Se fosse qualquer outro senador, ninguém estaria falando em cassação”, repete.

Na manhã de ontem, em conversa com jornalistas, ficou com os olhos marejados quando perguntaram onde ele buscava força para se manter disposto a lutar pelo mandato. Virou-se de costas. Ficou olhando para o nada por alguns instantes. Voltou-se para os repórteres, com os olhos vermelhos. Simplesmente, desconversou.

No trabalho de convencimento dos senadores, ACM conta com o apoio da bancada carlista do Congresso e da cúpula do PFL. O presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), e o líder do partido no Senado, Hugo Napoleão (PI), reforçam os contatos com senadores para tentar a aprovação da suspensão. Embora reconheçam que a cada dia a situação de ACM complica-se mais, os dirigentes do PFL dizem que não abandonarão o líder baiano. Nem levam em conta os riscos de desgaste político. “Não há desgaste algum para o partido defender a Constituição. Isso é um dever”, declara Bornhausen.

Assim como ACM, o comando do PFL não pretende jogar a toalha antes do tempo. Na terça-feira, os dirigentes pefelistas reúnem os senadores para contabilizar o resultado da operação pró-suspensão. Caso o placar seja desfavorável, a maioria dos senadores pefelistas entende que ACM deve aproveitar para renunciar. Acreditam que, se ele formalizá-la na terça à noite, fugirá do que chamam de “vexame” da derrota no Conselho de Ética. A reunião seria cancelada, já que não existiria, por esta hipótese, senador a ser julgado.

Outra opção é a renúncia ser anunciada depois da decisão do Conselho, minutos antes de a Mesa decidir pela abertura do processo. Haveria uma tentativa de anular a decisão do Conselho. Os carlistas não gostam dessa opção. Acham que ela só aumenta o prazo de desgaste do senador.